

A CONSTRUÇÃO [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂] E OS PROCESSOS COGNITIVOS DE CHUNKING E CATEGORIZAÇÃO

THE CONSTRUCTION [NP₁ + V_{LIGHT} + NP₂] AND THE COGNITIVE PROCESSES OF CHUNKING AND CATEGORIZATION

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19541

Maria Angélica Furtado da Cunha¹

Resumo: A premissa de que o uso cotidiano da língua molda a gramática é compartilhada pelos modelos linguísticos baseados no uso. Fundamentado na Linguística Funcional Centrada no Uso, de viés construcionista, e com foco nos processos cognitivos de domínio geral *chunking* e categorização, este artigo tem como objeto de investigação a construção de estrutura argumental [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂]. Os verbos leves examinados são *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*. Para constatar a regularização e convencionalização dos *chunks* com esses verbos, são analisadas ocorrências de *corpora* eletrônicos, representativos do século XX. A metodologia empregada é quali-quantitativa. Os resultados indicam que a construção varia em relação à frouxidão ou integração entre o V_{LEVE} e o SN que o segue.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; verbos leves; *chunking*; categorização.

Abstract: The premise that everyday language use shapes grammar is shared by usage-based linguistic approaches. From the standpoint of Usage-based Functional Linguistics, with constructionist bias, and focusing on the domain-general cognitive processes such as chunking and categorization, this paper investigates the argument structure construction [NP₁ + V_{LIGHT} + NP₂]. The light verbs examined are *dar* (give), *fazer* (make), *ter* (have) and *tomar* (take). In order to verify the regularization and conventionalization in Brazilian Portuguese of chunks with these verbs, occurrences from electronic corpora representative of the 20th century are analyzed. The methodology is predominantly quali-quantitative. The results indicate that the construction varies in relation to the looseness or integration between the V_{LIGHT} and the NP that follows it.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics; light verb; chunking; categorization.

¹ Professora Titular de Linguística da UFRN, é Professora Emérita pela mesma instituição. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN) e Bolsista em Produtividade em Pesquisa – PQ 1D. Faleceu em maio/2025, antes da publicação deste artigo. Angélica Furtado é uma referência nos estudos funcionalistas de vertente norte-americana e uma das pioneiras na difusão dessa perspectiva teórica em solo brasileiro. Criou o grupo Discurso & Gramática UFRN e o liderou por 28 anos. Possui uma vasta produção bibliográfica e muitas de suas publicações são leitura obrigatória em cursos de Letras e em processos seletivos de Programas de Pós-graduação *stricto sensu* de várias IES brasileiras. Durante sua trajetória acadêmica, investigou diversos fenômenos linguísticos, particularmente no âmbito da gramática da oração, a exemplo de transitividade e de estrutura argumental. Nos últimos anos, pesquisava agrupamentos semântico-sintáticos formados por verbos leves + SN, conforme discutido neste artigo. Nossa homenagem a essa linguista perspicaz e competente. E nossos agradecimentos ao professor Edvaldo B. Bispo, seu ex-orientando, colega de trabalho e parceiro de várias atividades acadêmicas, por realizar os ajustes finais deste artigo e fazer essa sucinta descrição da trajetória da professora Angélica.

Introdução

As abordagens baseadas no uso, em qualquer de suas vertentes, associam a emergência de padrões construcionais a processos cognitivos, tais como categorização, *chunking*, armazenamento de informação na memória, analogia, entre outros. Assumem que esses procedimentos não são específicos à linguagem, mas atuam em outros domínios da cognição, como a música, a visão, o raciocínio matemático, por exemplo. Bybee (2016 [2010]) afirma que tais processos entram em jogo em todos os casos de uso da língua e é a utilização repetitiva desses processos que têm impacto sobre a representação cognitiva da linguagem.

Além desses processos cognitivos, a vertente funcionalista denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo, 2013, 2023; Oliveira; Rosário, 2016) considera, no estudo do surgimento, variação e mudança das construções, motivações comunicativas, uma vez que postula uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.

Linguistas como Neves (2000), Castilho (2010) e Bagno (2011) definem os verbos leves, denominados por eles de verbos-suporte, como “verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem outro verbo da língua” (Neves, 2000, p. 53).

Neste artigo, trato da atuação do *chunking* e sua interação com a categorização na formação da construção $[SN_1 + V_{LEVE} + SN_2]^2$ no português brasileiro. Os verbos leves selecionados são *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*, em expressões do tipo *dar conta*, *fazer reserva*, *ter coragem* e *tomar satisfação*. Para tanto, examino as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, além de aspectos semântico-cognitivos e discursivo-interacionais envolvidos em tal construção. O objetivo é discutir a regularização e convencionalização dessa construção como resultado do processo cognitivo de *chunking* em interação com categorização.

² Estou focalizando, aqui, a formação de *chunks* $[V_{LEVE} + SN]$. Por essa razão, muitas vezes não incluí o SN/Sujeito na formulação da construção, uma vez que esse constituinte está previsto em quase todos os casos de estruturas oracionais, quer formem *chunks* ou não.

O trabalho é de natureza quali-quantitativa (Cunha Lacerda, 2016) e interpretativista e toma para análise dados das duas últimas décadas do século XX³ extraídos de um *corpus* oral e um *corpus* escrito, detalhados na seção 2.

Para cumprir os objetivos, o texto está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira delas, discorro sobre o modelo teórico que fundamenta o trabalho. Na seção seguinte, descrevo brevemente os *corpora* e o material empírico examinado. Em seguida, analiso a construção com os verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* e a formação de *chunks*. Na quarta seção, abordo vários tipos de gradiência observados em relação à construção [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂]. Por último, teço algumas considerações finais.

1. Alinhamento teórico

Este trabalho fundamenta-se nos postulados teórico-metodológicos e conceitos operacionais da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) em perspectiva construcionista (Furtado da Cunha; Bispo, 2013, 2023); Oliveira e Rosário, 2016). A LFCU corresponde, em termos teórico-metodológicos, ao que a literatura de língua inglesa denomina *Usage-based Linguistics* (Bybee, 2016 [2010]). Esse modelo parte do princípio de que a estrutura linguística responde a pressões semântico-cognitivas e discursivo-interacionais de seu uso no cotidiano social. A LFCU defende a existência de uma correlação motivada entre codificação e uso linguístico (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Nesse sentido, a gramática é tida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, maleável (Du Bois, 1985; Hopper, 1987; Bybee, 2016 [2010]) que se ajusta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Verifica-se, portanto, na língua uma tensão constante entre conservação e inovação (Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]).

Segundo Bybee (2016 [2010]), a estruturação linguística emana de processos cognitivos de domínio geral, como nossa capacidade de categorizar, estabelecer relações e operar em níveis locais e globais. Logo, a sistematização da língua não é essencialmente diferente da organização de outros aspectos da cognição.

A LFCU de viés construcionista caracteriza-se, principalmente, pela concepção de língua como uma rede de construções interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais (Bispo; Lopes, 2022). Desse modo, a construção é tomada como

³ Furtado da Cunha (2024) examina os processos de variação e mudança envolvidos nos usos desses verbos leves em duas sincronias: séculos XVIII e XX.

a unidade básica da língua, tanto para a Gramática de Construções (GC) como para a LFCU. A construção é entendida como um pareamento de forma e função que tem significado próprio, relativamente independente dos itens que a compõem (Goldberg, 1995) e resulta de uma generalização a que os falantes chegam com base no contato frequente com instâncias de uso da língua em situações comunicativas efetivas. O entendimento, compartilhado pela LFCU e pela GC, de que a gramática é constituída de um conjunto de construções reflete a ideia de que a relação entre forma e função é fundamental e intrínseca à descrição gramatical das línguas.

A organização das construções em uma rede hierárquica está estreitamente relacionada às propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, atribuídas à construção (Langacker, 2008; Traugott; Trousdale, 2021[2013]). *Esquematicidade* refere-se ao fato de a construção servir como um modelo abstrato/virtual que captura a generalidade de padrões de uso. Sob essa perspectiva, as construções podem ser totalmente não especificadas (ou abertas), como o padrão oracional transitivo [SN₁ V SN₂], a exemplo de *Joguei a chave no lixo* (Furtado da Cunha, 1998, p. 51); existem construções semiabertas, com alguns elementos fixos, conforme se vê em [ter SN] (*ter contato, ter coragem, ter início*); e também aquelas totalmente preenchidas, com todos os elementos fixos, como *dar murro em ponta de faca*. A construção [V_{LEVE} + SN], foco deste artigo, caracteriza-se como totalmente aberta. Verifica-se, assim, uma gradiência entre as construções, a qual também se reflete na hierarquia da rede construcional: uma construção mais esquemática (esquema) ocupa posição mais alta na rede, ao passo que uma construção mais especificada (microconstrução) posiciona-se no nível mais baixo da rede; no ponto intermediário, situam-se as construções que se caracterizam como subesquemas (Furtado da Cunha; Silva; Bispo, 2016).

A produtividade está relacionada à possibilidade de uma construção licenciar outras menos esquemáticas (subesquemas ou microconstruções), isto é, tem a ver com o grau em que uma construção pode se expandir. Essa propriedade está associada à frequência de *type* (Bybee, 2016 [2010]) e ao fenômeno de expansão da classe hospedeira (Himmelman, 2004), visto que se refere ao gradativo aumento de subesquemas e/ou microconstruções que se agregam à rede de uma dada construção.

Tomando a construção transitiva como exemplo, vemos que ela pode ser instanciada por um grande número de orações em português, já que cada um dos *slots*, ou posições, que a compõem – SN₁ V SN₂ – pode ser preenchido por uma ampla variedade de nomes e verbos. Desse modo, a construção transitiva pode ser realizada por diferentes tipos, dada a natureza semântica variada dos verbos que ela pode recrutar (Furtado da Cunha; Silva, 2018).

A composicionalidade diz respeito ao grau de transparência e analisabilidade na relação entre forma e conteúdo. Uma construção é composicional se o seu significado resulta da soma do significado dos itens que a compõem. De modo inverso, uma construção é idiomática (ou não composicional) se o significado do todo não corresponde à soma do significado das partes. Assim é que, por exemplo, em *tirar a comida da mesa*, há convergência entre o sentido do todo (*remoção de alimento de um lugar para outro*) e a junção do significado dos elementos que integram essa expressão. Já em *tirar a barriga da miséria*, não existe convergência entre o sentido da expressão (*desfrutar intensamente de algo depois de muito tempo de privação*) e a soma do significado dos itens constituintes.

A relação entre essa propriedade e a rede hierárquica construcional não é tão clara quanto é possível perceber com esquematicidade e produtividade. Se, por um lado, uma construção mais esquemática é mais produtiva e ocupa uma posição mais alta na rede, por outro lado, não parece haver relação direta entre posição da construção na rede hierárquica e seu grau de composicionalidade. A construção [tirar SN₁ de SN₂], por exemplo, licencia tanto expressões como *tirar a sujeira dos móveis*, *tirar o leite da vaca*, que são composicionais tanto sintática como semanticamente, quanto sanciona idiomatismos como *tirar o cavalo(inho) da chuva* e *tirar leite de pedra*, que não exibem composicionalidade. Está claro que, se a construção for totalmente especificada, como *Maria vai com as outras*, ela será não composicional e não produtiva, constituindo um exemplar único. Em outras palavras, não sanciona subesquemas e/ou microconstruções.

Entre os processos cognitivos de domínio geral arrolados por Bybee (2016 [2010]), focalizo, aqui, *chunking* (agrupamento) e sua interação com a categorização. *Chunking* é responsável pela formação de estruturas mais complexas a partir de sequências de elementos que frequentemente coocorrem, formando um bloco sintático-semântico. Do ponto de vista linguístico, essas estruturas correspondem a construções e expressões formulaicas. Sequências repetidas são embaladas juntas em termos cognitivos de modo que a sequência pode ser tomada como uma unidade simples (Bybee, 2016 [2010]). É o que acontece, por exemplo, com as construções *quem canta seus males espanta*, *dar com a cara na porta*, *fazer ouvido de mercador*, *tirar a sorte grande*, *carne de peçoço*, *jogo de azar*, entre muitas outras. Quanto mais a sequência de palavras for repetida e puder ser acessada como um todo, tanto mais será convencionalizada. *Chunks* nascem da interação social, na interface sociocultural, a partir das necessidades comunicativas dos falantes. Com base na organização da memória, *chunking* é um processo que influencia todos os sistemas cognitivos e atua no nível da produção assim como

da percepção, contribuindo significativamente para fluência e facilidade do uso da língua. Isso significa que, embora extensa, uma cadeia de palavras pode ser produzida e processada mais facilmente se essas palavras podem ser acessadas como um bloco, devido à frequência de uso. Nessa direção, o *chunk* é um conjunto de palavras que são cosseleccionadas e usadas como unidades gestálticas.

A categorização consiste em reunir, em uma mesma classe, elementos com base em propriedades percebidas como semelhantes: cor, forma, tamanho, espessura, constituição, sonoridade, configuração morfossintática, significado/função, entre outras. Assim, por exemplo, identificamos o elemento *cadeira* com base na experiência que temos com objetos que possuem determinadas características em comum (pés, assento e encosto), embora possam divergir em relação ao formato, à cor, ao material de que são feitos, a serem ou não giratórios, a terem ou não braços. Do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua. No domínio linguístico, consideremos a categoria substantivo. O item *gato* apresenta as características centrais que identificam essa categoria: é concreto, flexiona em gênero e número, pode ser núcleo de um SN, pode ser precedido de determinante e acompanhado por modificador. Por sua vez, o elemento *medo* não exhibe algumas dessas propriedades (é abstrato e não flexiona em gênero e número), afastando-se do exemplar mais típico.

Nesse sentido, a categorização possibilita o armazenamento, na memória, de elementos do mundo e da língua como conjuntos de itens similares. Como consequência, esse processo cognitivo acarreta economia de processamento e produção linguísticos.

Dada a semelhança com que os humanos se relacionam com o mundo e nele atuam, certos esquemas imagéticos são compartilhados, de forma que conteúdos abstratos são derivados de experiências concretas. Isso resulta num sistema de conceitualizações comum a todos, como se dá no caso de conceitos orientacionais (em cima/em baixo, frente/trás, próximo/distante, entre outros), que parecem exibir relativa similaridade entre as diversas culturas.

Há, contudo, espaço para ampla variação cultural na maneira como construímos muitos conceitos. Decorre daí que a categorização e sua codificação linguística refletem não só traços de estruturas conceituais mais gerais, comuns a todos, mas também propriedades de estruturas próprias de cada cultura, isto é, calcadas em visões de mundo particulares (Furtado da Cunha; Bispo, 2013).

É possível aventar a hipótese de que os processos de categorização e *chunking* são simultâneos. À medida que o falante é exposto à língua em uso, ele tem contato com unidades coocorrentes, que são entendidas como um bloco e são assim armazenadas na memória. É o que ocorre, por exemplo, com expressões do tipo *pé de chinelo*, *chave de cadeia*, *chá de cadeira*, interpretadas como um todo de forma e conteúdo. Por exibirem a mesma estrutura (N de N), o falante abstrai essa composição sintagmática e a categoriza como um bloco, que, então, é armazenado na memória. Uma vez armazenado, esse esquema abstrato pode ser reutilizado para a formação de outros agrupamentos, a exemplo de *mão de alface*, por analogia a formas já existentes.

É importante destacar que, embora sejam armazenados como um todo, cada um dos elementos que forma o *chunk* também é estocado na memória como item individual. Assim, em *pé de chinelo* (*pessoa de baixa condição financeira*) e em *mão de alface* (*aquele que não tem mão firme*) por exemplo, da mesma forma que o falante armazena essas sequências como expressões fixas, estoca individualmente os itens que as constituem. Na passagem de itens individuais (*pé, de, chinelo, mão, de, alface*) para um *chunk* (*pé de chinelo, mão de alface*), ocorre o processo de neoanálise,⁴ em que esses itens são reinterpretados semanticamente e sintaticamente. Em *pé de chinelo*, o falante não interpreta, por exemplo, *de chinelo* como um atributo (SPrep modificador) de *pé*; antes, compreende a expressão como um todo (SN não segmentável). Semanticamente, *pé de chinelo* ganha nova acepção, mais abstrata, de modo que *pé* não se refere à parte do corpo nem *chinelo* diz respeito a um tipo de calçado. Da mesma forma, o falante entende *mão de alface* como uma única palavra, que codifica uma única ideia (*quem não tem mão firme*).

2. Dados dos corpora

Os dados das duas últimas décadas do século XX foram extraídos dos seguintes corpora: um *corpus* oral compilado com base em entrevistas retiradas de três diferentes bancos de dados, cada um com 300.000 palavras: Projeto Mineirês (<http://www.letras.ufmg.br/mineires/>), Projeto PEUL (<http://www.letras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>) e Projeto NURC (<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>), e um *corpus* escrito, CHAVE, que contém textos jornalísticos

⁴ Consiste no mecanismo de mudança linguística que envolve a reinterpretação de uma estrutura morfossintática decorrente de novo sentido a ela atribuído. É comumente referido como reanálise (Langacker, 1977; Givón, 2001). Para detalhes quanto à opção pelo termo neoanálise, ver Traugott e Trousdale (2021[2013]).

(<https://www.linguateca.pt/CHAVE/>). O C-Oral-Brasil, do projeto Mineirês (UFMG), é um *corpus* de referência do português brasileiro falado em situação natural, em contexto familiar ou público. O *corpus* do PEUL foi constituído por pesquisadores da UFRJ com o objetivo de possibilitar o estudo de processos de variação e mudança na variedade carioca e de disponibilizar uma base de dados controlada para outros pesquisadores interessados. O *corpus* mínimo do NURC, que fundamentou o projeto “Gramática do português falado”, é constituído por três tipos de inquéritos produzidos em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador: elocução formal (EF), diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2). O *corpus* CHAVE é composto de artigo, coluna, carta do leitor, reportagem, editorial, entrevista e notícia. Seguem algumas ocorrências que ilustram o fenômeno sob análise:

- (1) O que pode acontecer é uma crise de identidade do PT até *o partido se dar conta de* que é governo numa época que não permite radicalismos. (CHAVE)
- (2) O presidente da Foca, Bernie Ecclestone, no ano passado, disse que *Nigel não faria falta nenhuma à F-1*. (CHAVE)
- (3) De repente vi um galerão pra cima de você, assim de repente, sê pisotiado lá, ah isso é ruim, *tenho medo* dessas coisa. (Mineirês)
- (4) Eu tenho que acordar seis e <mei-> seis horas pra ir pra escola, aí eu acordo *tomo banho*, escovo os dentes, tomo café, me arrumo e vou pra escola. (NURC)

A tabela 1 exhibe o quantitativo de ocorrências dos verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*.

Tabela 1: Quantitativo de dados

Verbos	DAR	FAZER	TER	TOMAR	Total
Fala	186 (60%)	134 (50%)	74 (63%)	48 (55%)	442 (100%)
Escrita	126 (40%)	133 (50%)	44 (37%)	40 (45%)	343 (100%)
Total	312 (100%)	267 (100%)	118 (100%)	88 (100%)	785 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Essa tabela mostra que dos quatro verbos leves, três (*dar*, *ter* e *tomar*) são relativamente mais frequentes na fala do que na escrita, à exceção de *fazer*, que ocorre em igual quantidade nas duas modalidades. Esses resultados podem estar associados às características particulares do banco de dados, aos gêneros discursivos (entrevistas orais, artigo, coluna, carta do leitor, reportagem, editorial, notícia) que o constituem, ao nível de formalidade dos textos e respectivo grau de monitoramento em que os verbos leves ocorrem. Colabora também para essa diferença numérica o fato de que a escrita é mais resistente a inovações que emergem na fala espontânea.

O método de análise é misto, isto é, qualiquantitativo (Cunha Lacerda, 2016), em que os procedimentos quantitativos possibilitam aferir tendências de uso e dão suporte à análise qualitativa. Tal metodologia é largamente assumida no modelo da LFCU.

3. A construção [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂] e o processo de *chunking*

O V_{LEVE}, também denominado *verbo suporte*, *verbo funcional*, *verbo geral*, *verbo operador*, *verboide* ou *verbalizador*, caracteriza-se pelo enfraquecimento do seu conteúdo semântico, funcionando como portador de categorias verbais (tempo, modo, número, pessoa).

Em trabalho anterior sobre a construção [SN + V + SN_{NU}], Furtado da Cunha e Chaves (2019) constataram que os verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* são os mais frequentes na instanciação de *chunks* nos *corpora* examinados. Esses verbos são de natureza polissêmica e se distanciam de seu sentido lexical básico para atuar com alguns tipos de SN formando um *chunk*.

A construção de estrutura argumental [SN + V + SN_{NU}] é um dos padrões estruturais que instancia um esquema construcional transitivo superordenado. O significado central desse esquema remete ao evento transitivo prototípico, em que um agente intencional causa o afetamento ou efetramento⁵ de um participante paciente. Nesse padrão, o *slot* verbal pode ser ocupado por diferentes tipos semânticos de verbo. O SN_{NU} é um Sintagma Nominal sem determinante (NU). Os excertos (1) a (4) contêm exemplares de SN_{NU}, a saber: *dar conta*, *faria falta*, *tenho medo* e *tomo banho*.

Para investigar a formação de *chunks* com os verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*, é necessário fazer um levantamento dos SN que com eles coocorrem. As coocorrências de itens lexicais são denominadas *colocados* (Sardinha, 2004), palavras que são usadas com frequência significativa uma ao lado da outra, como, por exemplo, *dar conta*, *fazer festa*, *ter medo* e *dar banho*.⁶ A análise desses lexemas mais recorrentes com cada um dos verbos propicia detectar a constituição de *chunks*, ou unidades pré-fabricadas (Erman; Warren, 2000), que advêm da associação desses verbos com o SN que ocupa o *slot* do objeto direto na construção.

A tabela 2 registra os 10 colocados mais frequentes com cada verbo e o número de ocorrências de cada um deles. A ocorrência de construtos com esses nomes sugere que microconstruções de um esquema superordenado podem ser bem variadas em termos de frequência e possibilidades colocacionais e, conseqüentemente, podem variar em termos de prototipia.

Tabela 2: Colocados mais frequentes

DAR	FAZER	TER	TOMAR
-----	-------	-----	-------

⁵ Alguns objetos dos verbos sancionados pela construção transitiva são criados pela ação do verbo. Hopper (1987) denomina esse caso de *objeto efetado*, diferenciando-o do objeto afetado.

⁶ Quando o bloco [V_{LEVE} + SN] é citado fora do seu contexto de uso, o verbo leve vem na forma de infinitivo.

conta (20)	festa (13)	medo (19)	banho (20)
exemplo (10)	compra (12)	acesso (8)	conta (19)
resposta (5)	pergunta (8)	dúvida (5)	cuidado (12)
atenção (5)	besteira (8)	interesse (4)	consciência (3)
conselho (4)	falta (7)	preocupação (4)	decisão (3)
razão (4)	estágio (7)	necessidade (3)	coragem (2)
trabalho (4)	viagem (6)	cuidado (3)	medida (2)
valor (4)	visita (2)	vontade (3)	exemplo (1)
liberdade (3)	favor (1)	contato (3)	parte (1)
satisfação (3)	conta (1)	raiva (2)	caminho (1)

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito aos atributos dos SN que seguem os verbos leves, o dicionário de Borba (2002) classifica os substantivos da tabela 2 como abstratos, alguns deles derivados de verbos – deverbais (*conta, trabalho, compra, pergunta, falta, estágio, viagem, visita, esforço, acesso, dúvida,*) ou nominalizações (*satisfação, preocupação, decisão*). Esses colocados, por derivarem de verbos, tendem a indicar ações e por isso podem funcionar como núcleo do predicado, visto que o V_{LEVE} está distanciado do sentido original que tem como verbo pleno, referencial, e não expressa uma noção independente do substantivo que o segue. Haüy (2015) corrobora a classificação de Borba ao afirmar que os substantivos deverbais, em geral derivados de verbos por derivação regressiva, são sempre abstratos e denotativos de ação. Para Chafe (1994), em termos informacionais, ao verbo leve não é atribuída a carga total do custo de ativação da oração. Portanto, o SN que acompanha o verbo leve “é responsável pela particularização do significado” (Basílio, 2007), e a sequência [$V_{LEVE} + SN$] adquire um significado global.

Outros lexemas na tabela 2 não derivam de verbos, mas também são abstratos, identificados por Borba (2002) como abstratos de ação (*resposta, conselho, liberdade, festa, besteira, favor, cuidado, banho, medida e parte*), abstratos de estado (*exemplo, atenção, razão, valor, medo, interesse, necessidade, vontade, raiva, consciência, coragem*) e abstratos de processo (*contato, caminho*). Esses também funcionam como núcleo do predicado.

No plano morfológico, 80 (12%) desses substantivos são SN_{NU} usados no plural, fato que indica a não referencialidade do lexema que preenche a posição (*slot*) do objeto direto. Conforme dito anteriormente, o SN_{NU} se caracteriza por seguir o V_{LEVE} imediatamente, sem material interveniente, como se vê em (5) a (6) e a seguir:

(5) Ah... eles vêm como uma coisa sadia, eles me controlam, é claro, *me dão limites* porque senão eu ia sair toda noite. (NURC)

(6) William só ganhou o Oscar de melhor ator por essa interpretação porque todo mundo sabia que ele era homossexual. Eu achava que os ativistas gays *fariam objeções* por eu ser homossexual. (CHAVE)

Foram encontrados 8 SN flexionados no diminutivo e um no aumentativo: *dar indiretinha*, *dar aquela entradinha*, *dar uns beijinhos*, *fazer muita festinha*, *fazer uma fezinha*, *fazer um desfalquezinho*, *fazer uma perguntinha*, *fazer festinhas*, *dar um tapão*. A substituição do bloco por um verbo pleno não seria possível nesses casos, pois o diminutivo ou aumentativo não é usado para indicar tamanho ou dimensão, e sim para atribuir uma nuance de significado ao evento/situação descrito pelo bloco [V_{LEVE} + SN], que pode ou não ser pejorativo. Além disso, nem todas as sequências têm um verbo pleno correspondente.

No nível morfossintático, a integração do V_{LEVE} com o SN que o acompanha se revela pelo grau de proximidade entre esses dois elementos. Quanto mais próximos, mais fixado e convencionalizado tende a ser o *chunk*, como em *dar conta*, *fazer parte*, *ter acesso*, *tomar ciência*, os quais não têm nenhuma ocorrência com artigo nos *corpora* analisados. Contudo, há casos em que o bloco se fixa com artigo antes do N, como em *dar o tom* (= *servir de modelo*), *dar as costas* (= *desprezar*), *dar o troco* (= *vingar-se*), todos com sentido metafórico. Outras sequências variam entre a presença ou não de artigo, a exemplo de *tomar (um) banho*.

A tabela 3 apresenta os resultados obtidos com relação à constituição do SN.

Tabela 3: Constituição do SN

SN _{NU}	DET + N	ADJ/ADV + N	Total
438 (56%)	269 (34%)	78 (10%)	785 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Conforme a tabela 3, o SN_{NU} é usado em mais da metade dos blocos analisados (56%),⁷ seguido de DET + N (34%) e, em menor frequência, ADJ/ADV + N (10%). Os determinantes encontrados podem ser artigos definidos e indefinidos, pronomes demonstrativo, possessivo e indefinido. Esses percentuais são uma forte indicação de que a grande maioria das sequências constatadas no banco de dados constituem *chunks*, em que o bloco [V_{LEVE} + SN] recebe uma interpretação global, ou seja, o significado da construção não provém diretamente da soma dos significados dos elementos que a compõem. Nessa direção, os verbos perdem suas propriedades de verbos plenos e formam com o SN uma unidade semântico-sintática, isto é, sofrem decategorização (Hopper, 1991), pois não funcionam mais como núcleo do predicado, portando, apenas, as categorias gramaticais características de verbos (tempo, modo, número e pessoa). Se considerarmos a abstratização do significado básico dos verbos leves somada ao fato de que tais verbos não funcionam como núcleo do predicado, podemos dispô-los entre os verbos plenos e os verbos auxiliares num *continuum* de gradiência categorial.

⁷ Esses dados abrangem SN_{NU} no singular e no plural.

Em termos semântico-lexicais, portanto, é o SN que veicula o evento ou a situação descrita pelo *chunk*, de modo que o núcleo da predicação está no nome que acompanha o verbo leve, o qual, em alguns casos, ainda é responsável pela projeção dos participantes do evento/situação e pela definição dos papéis semânticos que estes desempenham. Dada sua frequência de uso, esses dois elementos, V_{LEVE} e SN, formam uma unidade, cujo sentido é determinado, em parte, pelas propriedades do SN e, em parte, pelo contexto discursivo em que o *chunk* é usado. O fato de o SN não ter determinante na maioria dos construtos colabora para o maior grau de integração entre o V_{LEVE} e o SN_{NU} . Logo, as instanciações desse tipo de *chunk* são não composicionais, visto que o sentido do todo não é mais recuperável a partir do sentido das partes. Tem-se, então, uma nova unidade de significado, um novo nó na rede construcional que é armazenado na memória linguística dos falantes.

A contiguidade estrutural entre os constituintes do sintagma formado por [V_{LEVE} + SN] reflete a estreita relação entre esses elementos no nível conceitual, indicando a atuação do subprincípio icônico de proximidade (Givón, 1984), o qual preceitua que os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática. Contribuem também para tal integração as propriedades semânticas e morfológicas do SN que acompanha o V_{LEVE} , a exemplo do caráter abstrato, o conteúdo acional, a não referencialidade e a forma no singular. Assim é que nem todas as sequências [V_{LEVE} + SN] constituem *chunks* fixos, totalmente estáveis.

Segundo Bybee (2016 [2010]), há gradiência em relação ao armazenamento de um *chunk* na memória, de modo que pode-se distinguir *chunks* fracos, cujos elementos componentes podem ser mais fortes do que o bloco, como aqueles em que a presença de um adjetivo/modificador separa o V_{LEVE} do N ((7) e (8), a seguir) e *chunks* mais frequentes, a exemplo de (*dar conta, fazer festa, ter medo e tomar cuidado*), que são mais fáceis de acessar como um todo, mesmo que seja possível identificar sua estrutura interna. Consequentemente, esses *chunks* se dispõem num *continuum*, visto que a fusão entre as partes constitutivas de [V_{LEVE} + SN] pode variar a depender da frequência com que o bloco ocorre. Os *chunks* que ocupam o polo de alta frequência no *continuum* tendem a perder sua estrutura interna e o reconhecimento de suas partes componentes.

- (7) Edna espera que o evento *dê grande repercussão* e promova o BCA, que recebe dinheiro do governo britânico e tem uma programação anual voltada à cultura brasileira desde sua fundação, em 1980. (CHAVE)
- (8) Para este ano a perspectiva de Biselli é continuar *fazendo novos investimentos* para “melhorar a qualidade dos produtos” e aumentar ainda mais a participação no mercado. (CHAVE)

Ainda da perspectiva morfossintática, alguns deverbais são modificados por SPrep, a exemplo de:

- (9) Em um Universo clássico, por exemplo, seria impossível dar conta de todas as condições presentes que determinariam o futuro. (CHAVE)
- (10) O diário japonês afirma que diversas empreiteiras que tinham contratos com o governo para a construção de obras públicas fizeram doações para a campanha eleitoral de fevereiro de 1990 do Partido Liberal Democrático (PLD, então no poder), o que contraria a legislação. (CHAVE)
- (11) Os vereadores dizem que tiveram acesso ao cadastro da prefeitura. (CHAVE)
- (12) O filme brasileiro não consegue espaço junto aos intermediários (cinemas e locadoras de vídeo) para que o público possa tomar conhecimento de sua existência.

Os fragmentos de (9) a (12) exibem os verbos leves usados em um padrão constituído por três *slots*: SN [*dar conta de*] SN, SN [*fazer doações para*] SN, SN [*ter acesso a*] SN e SN [*tomar conhecimento de*] SN, respectivamente. O SN regido pelas preposições *de*, *para* e *a* funciona como um argumento interno da sequência [V_{LEVE} + SN_{NU}] nas três amostras.

Cabe observar que pode haver variação semântica e sintática na constituição de *chunks* compostos pelos mesmos V_{LEVE} e SN. Tomemos, como ilustração, aqueles formados com *dar* e *exemplo*. Nos *corpora* analisados, encontram-se as seguintes representações:

- (13) E: Se você não pudesse morar aqui, que outro lugar você escolheria pra morar?
F: dá exemplo de um bairro? Hum... Leblon. (PEUL)
- (14) Trabalhar com jovens é mais difícil, pois eles estão se formando, não só como atletas. É uma idade de afirmação. Procuro dar o exemplo. (CHAVE)
- (15) Para dar um exemplo do resultado que o novo sistema produziu, com os depoimentos desta semana, é suficiente o caso do deputado José Carlos Aleluia. (CHAVE)

Nos três fragmentos, o substantivo *exemplo* não apresenta as mesmas propriedades, embora esteja no singular em todos eles. Em (13) e (15) é concreto e em (14) é abstrato. Além disso, *dar + exemplo* não recebe a mesma interpretação nas três ocorrências: em (13) e (15), a sequência significa *ilustrar, elucidar*, ao passo que em (14), tem o sentido de *servir de modelo*. Note-se, ainda, que a constituição dos *chunks* não é igual: em (13), temos um SN_{NU}, enquanto em (14) e (15), *exemplo* é precedido pelos determinantes *o* e *um*, respectivamente. Desse modo, o *chunk* mais integrado é aquele usado em (13), embora *exemplo* não tenha todas as características semânticas e morfológicas do SN apontadas acima, tais como ser abstrato, ter conteúdo acional, ser não referencial e estar no singular. Nessa linha, observa-se que o *chunk dar exemplo* exhibe diferentes graus de integração.

Alguns colocados podem ocorrer com diferentes verbos, tais como *conta* e *cuidado*, conforme as amostras seguintes:

- (16) Tem dia que eu tô rápida, que eu faço rapidinho, mas tem dia... eu num consigo dá conta não. (PEUL)

- (17) Quando comecei a trabalhar no livro (na realidade não escrevi nada daquilo), *me dei conta* de que, já que o livro era em si uma crítica da idéia do domínio visual, [...] e já que eu estava defendendo esse outro material e alegando que ele tinha sido reprimido, achei que se falasse disso usando a mesma voz do historiador que diz dominar o campo histórico, estaria cometendo um equívoco. (CHAVE)
- (18) Ainda tinha que sobrá dinheiro pa fazê lanche. *fazê as conta*: ela ganhava quarenta e dois <cruzer...>, <cru...> <cr...> po... por mês e eu gastava cinqüenta, mais de cinqüenta reais... mais de cinqüenta cruzero por semana com ela. (Mineirês)
- (19) Os professores nem tanto né, mas os irmãos, os *que tomavam conta mesmo do colégio* né, eram muito rígidos na disciplina. (NURC)
- (20) Pô, *eu tenho cuidado com a saúde*; eu... tomo um maçante muscular, né? Um maçante (hes) dá massa muscular (hes) é um milk shake. (PEUL)
- (21) Enfim, discriminação não se lava de uma hora pra outra, e todos nós temos que *tomar cuidado com o assunto*. Semântica também, mas não só. (CHAVE)

Como se pode verificar, o lexema *conta* é polissêmico e os construtos em (16) a (19) têm diferentes significados: em (16), (17) e (19), *conta* está tão integrado aos verbos *dar* (-se) e *tomar* que o sentido é atribuído à sequência como um todo: *ser capaz de cumprir, executar, desincumbir-se de* em (16); *notar, perceber, cair em si* em (17); e *encarregar-se, incumbir-se de, vigiar*, em (19). Em (18), a integração é menor porque *conta* é precedido pelo artigo *as* e o sentido do bloco é *calcular*. Já em (20) e (21), os *chunks ter/tomar cuidado* têm o mesmo significado: *prover as necessidades, zelar*.

Com o passar do tempo, novos colocados começam a ser usados junto ao verbo leve, no processo de expansão da classe hospedeira (Himmelman, 2004), o qual relaciona-se à frequência *type* (Bybee, 2003). Em trabalho anterior (Furtado da Cunha, 2024), de viés diacrônico, constatei que, nos dados do século XVIII, em oposição aos do século XX, há maior gradiência nos padrões estruturais da construção [V_{LEVE} + SN], com maior mobilidade posicional do SN, devido ao fato de que, nesse período, as instâncias dessa construção ainda não se encontravam cristalizadas, apresentando, então, maior versatilidade morfossintática.

De um modo geral, a literatura construcionista propõe que a construção mais frequentemente usada, mais fixada é a mais velha. Por exemplo, Langacker (2008) afirma que a unidade mais fixada e mais rapidamente ativada geralmente será a estrutura original, que pode, assim, ser reconhecida como protótipo da categoria. É o caso de *dar conta* e *tomar conta*, atestados desde o século XVIII (Furtado da Cunha, 2024). Novos membros de construções existentes são tipicamente membros marginais da categoria no início e se tornam completamente absorvidos pela categoria somente ao longo do tempo.

Vale notar, ainda, que nem sempre o *chunk* [V_{LEVE} + SN] pode ser substituído por um verbo pleno, como em:

- (22) Bom, é um inconveniente, né, mas de certa forma *eu até dei sorte com isso* porque eu tenho parentes que moram lá e eu já consegui, já tenho um lugar pra ficá. (PEUL)

- (23) A danceteria Limelight, em Cidade Jardim (zona oeste), ficou lotada no Réveillon. As 2h, cerca de 30 pessoas faziam fila tentando entrar. (CHAVE)
- (24) A verdade é que os dirigentes, como os políticos, têm medo que suas vidas sejam mostradas ao público, como se tudo tivesse sido conquistado ilegalmente. (CHAVE)
- (25) Um “problema” aí que apareceu no... no meu dente, aí o médico falou que... eu fiquei ruim pa caramba, aí eu tomei injeção, eles passaram remédio pra mim, nada me curava. (Mineirês)

Em (22) temos um *chunk* constituído pelo verbo *dar* + *sorte*, substantivo abstrato. Nessa e em outras ocorrências, *dar* não preserva seu sentido de transferência nem a estrutura triargumental correspondente a esse sentido. Nesse caso, não há um verbo equivalente ao bloco *dei sorte*. É o que ocorre também nos fragmentos em (23) a (25), em que os *chunks* são formados por *fazer fila*, *ter medo* e *tomar injeção*, respectivamente. Diferentemente do que ocorre com *dar* em (22), em (23) o verbo leve *fazer* mantém seu sentido de ação-processo, projetando um agente que desempenha a ação que o substantivo *fila* especifica.

A possibilidade de substituir a expressão formada por [V_{LEVE} + SN] por um verbo pleno é muitas vezes utilizada como critério para a identificação do verbo leve (Neves, 2000). Contudo, muitas vezes o *chunk* é usado pelo falante/escrevente para expressar significados para os quais não existe um verbo disponível no léxico da língua. Essa lacuna é então preenchida por meio de um *chunk*, o que leva à constatação da impossibilidade de se fixarem fronteiras nítidas entre léxico e gramática, como postula a LFCU e a GC. Alguns dos exemplares encontrados nos *corpora* que não têm um verbo pleno correspondente são: *dar pena*, *dar cabeçada*, *dar uma mãozinha*, *fazer trocadilhos*, *fazer frente*, *fazer um estrago*, *ter medo*, *ter psicose*, *ter uma queda*, *tomar um banho de loja*, *tomar injeção*, entre outros. A maioria desses agrupamentos tem sentido metafórico.

Apesar de semanticamente esvaziado, o V_{LEVE} *dar* pode conservar a estrutura triargumental do verbo pleno original, sendo usado com “objeto direto”⁸ (*apoio*) e indireto (*o centroavante Viola*), conforme (26). Do total de 312 instâncias com o verbo *dar* leve, em 55 (18%) ele é usado com três argumentos.

- (26) Moacir, apesar do refinado toque de bola, ainda não tem posição específica e possui estilo para atuar na marcação. Já Marcelinho e Tupãzinho atuam mais no ataque, dando apoio para o centroavante Viola. (CHAVE)

Nesse excerto, o *chunk* é formado pelo verbo *dar* e o substantivo abstrato *apoio*. Em seu sentido prototípico, o verbo *dar* conceptualiza um evento de transferência em que X dá a/para Y Z, isto é, projeta uma estrutura triargumental de que participam quem fez a transferência

⁸ Ao longo deste texto, as aspas são usadas para ressaltar que o substantivo que preenche o *slot* de objeto direto não funciona como argumento interno do V_{LEVE}.

(agente/sujeito), para quem ela foi feita (recipiente/objeto indireto) e o objeto transferido (paciente/objeto direto) (Furtado da Cunha, 2017). Em (26), *dar* perfila uma transferência metafórica que ainda implica um recipiente (*o centroavante Viola*). Embora o verbo *apoiar* esteja disponível no português, ele não foi usado porque não há total equivalência semântico-pragmática com *dar apoio*. Esse bloco forma uma unidade cujo sentido é determinado, em parte, pelas propriedades do SN_{NU} e, em parte, pelo contexto discursivo. A LFCU assume que, se duas formas têm conteúdo correspondente, então elas devem desempenhar funções discursivo-pragmáticas distintas.⁹ É o que se dá com verbos plenos quando cotejados com verbos leves.

Também o verbo *fazer*, classificado como transitivo direto pela tradição gramatical, pode ocorrer com um objeto indireto quando é usado como verbo leve. Apesar de o *frame* de *fazer* não projetar um recipiente, ele pode ser usado num padrão oracional ditransitivo, transmitindo a ideia de uma transferência pretendida. Esse verbo se vincula à construção ditransitiva por um *link* de instanciação. Não sendo *fazer* prototipicamente ditransitivo, temos, então, um caso de sancionamento parcial (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), em que o construto é apenas parcialmente compatível com a construção que o sanciona, como se pode ver em (27). O uso de *fazer* leve com três argumentos – Sujeito/Agente (\emptyset = *Cecília Neves*), “Objeto Direto/Paciente” (*pedidos*) e Objeto indireto/Recipiente (*Iemanjá*) – foi constatado desde o século XVIII (Furtado da Cunha, 2020).

(27) Scarpa assistiu à queima de fogos com a namorada Cecília Neves, 26. "Ela pulou sete ondas, jogou flores na água e amanhã (hoje) *fará pedidos a Iemanjá*", disse Scarpa. (CHAVE)

Voltando às propriedades que caracterizam a construção (Langacker, 2008; Traugott; Trousdale (2021[2013]), em termos de esquematicidade, a construção [$SN_1 + V_{LEVE} + SN_2$] caracteriza-se como totalmente não especificada, visto que consiste em posições, representadas por símbolos abstratos – SN e V_{LEVE} –, que podem ser preenchidas por elementos diversos. O fato de ser esquemática possibilita que tal construção licencie vários construtos, ocorrências empiricamente atestadas. Desse modo, a esquematicidade está diretamente relacionada à produtividade, ao grau em que uma construção pode se expandir. No que diz respeito à produtividade, a construção com V_{LEVE} é altamente produtiva, licenciando verbos leves distintos e variados colocados.

De acordo com a tabela 3, 56% dos construtos analisados são formados por V_{LEVE} e SN_{NU} . Portanto, com relação à composicionalidade, o bloco [$V_{LEVE} + SN$] tende a ser não composicional, já que seu significado não é resultado da soma do significado dos elementos

⁹ Sobre as propriedades discursivo-pragmáticas que o *chunk* [$V_{LEVE} + SN$] exerce, ver Furtado da Cunha (2024).

que a constituem. Ao contrário, o bloco recebe uma interpretação global, ancorada no sentido do SN e no contexto discursivo em que é usado. Na mesma linha, o substantivo que preenche o *slot* de objeto direto não funciona como argumento interno do V_{LEVE} .

Os *chunks* com *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* têm produtividade comprovada na medida que não só podem hospedar diferentes lexemas na posição do SN, mas também podem variar na ordenação dos elementos que os constituem.

Bybee (2016 [2010]) distingue composicionalidade semântica de analisabilidade, na linha de Langacker (1987) e Croft e Cruse (2004). Segundo Langacker (1987), a analisabilidade diz respeito à contribuição semântica que cada elemento de uma construção dá ao significado total dessa construção. Nesse sentido, embora $[V_{LEVE} + SN]$ seja não composicional, o falante é capaz de reconhecer as palavras que constituem esse *chunk*, seus significados assim como sua estrutura morfossintática. Ou seja, apesar de o bloco $[Verbo_{LEVE} + SN]$ ser estocado na memória e processado como um *chunk*, sua estrutura interna pode ser reconhecida. Assim, embora *dar conta* seja um *chunk* totalmente integrado e fixado na língua, é possível distinguir as palavras *dar* e *conta*. A identificabilidade das partes internas de uma expressão indica seu grau de analisabilidade, isto é, o reconhecimento de sua estrutura interna (Bybee, 2016 [2010]).

O aumento gradual da frequência de uso dos verbos leves, motivado pelo processo cognitivo de *chunking* associado à categorização, leva à convencionalização da construção $[V_{LEVE} + SN]$. Nesse desenvolvimento, perdem em composicionalidade e em esquematicidade, mas ganham em produtividade, num movimento compensatório de perdas e ganhos.

4. *Chunk* e gradiência

Na análise de instâncias reais de gramática em uso, a LFCU confere especial importância à noção de gradiência, no sentido de que categorias linguísticas de diferentes níveis estão sujeitas à variação, a qual pode dar-se entre representantes de uma mesma categoria devido à mudança que acontece gradualmente, causada pelo uso cotidiano da língua. Desse modo, uma entidade linguística pode mover-se de uma categoria a outra, assim como elementos de uma mesma categoria se dispõem em um *continuum*, em termos das características que os aproximam ou afastam do exemplar prototípico daquela categoria.

Bybee (2016 [2010]) aborda a gradiência e seu papel na mudança linguística, argumentando que muitas categorias da língua (e da gramática) não podem ser facilmente distinguidas porque a mudança ocorre ao longo do tempo de modo gradual. Tendo em vista que os funcionalistas entendem a língua como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura

plástica (Du Bois, 1985; Hopper, 1987; Bybee, 2016 [2010]), que se amolda aos contextos em que é usada, ela sempre exhibe variação e gradiência. Acrescente-se, ainda, que essa perspectiva é também coerente com o pressuposto construcionista quanto ao *continuum* (e não rara indeterminação) entre léxico-gramática (Brinton; Traugott, 2005; Goldberg, 1995).

Traugott e Trousdale (2013) tratam a gradiência como um fenômeno sincrônico e argumentam que, sincronicamente, cadeias de elementos linguísticos podem ser organizadas em um contínuo de categorialidade. Com relação à gradiência, alguns membros de uma categoria são “melhores” do que outros, conforme postula a teoria dos protótipos (Lakoff, 1987; Taylor, 1995); por outro lado, as fronteiras entre categorias são indistintas e vagas. A gradiência considera a relação dinâmica entre forma e função.

A gradiência atestada sincronicamente resulta da operação dos mecanismos de reanálise (cf. nota 3) e analogia. Se a reanálise opera sintagmaticamente e de modo oculto, envolvendo alteração na atribuição de fronteiras, por contraste, a analogia tradicionalmente opera paradigmaticamente e de modo explícito, sobretudo em instâncias de mudança morfológica. Se toda analogia pode ser reanálise (Hopper; Traugott, 2003), há uma relação assimétrica entre analogização e reanálise: toda analogização é reanálise, mas nem toda reanálise é analogização.

No caso da construção com verbos leves, vimos que ela pode ser realizada por diferentes construtos e que se fixa/estabiliza por efeito do uso frequente, o qual motiva, simultaneamente, a gradiência de padrões estruturais na sincronia. Nesta seção, vou discutir diversas manifestações de gradiência atestadas no estudo da construção [V_{LEVE} + SN].

A rede hierárquica de qualquer construção da língua é gradiente, uma vez que comporta níveis de especificação, indo do padrão mais esquemático, o esquema superordenado, passando pelo subesquema, um pouco menos abstrato, e chegando à microconstrução. Em relação ao fenômeno sob investigação aqui, temos: [SN₁ + V + SN₂] > [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂] > [SN₁ + V_{DAR, FAZER, TER, TOMAR} + SN₂]. Esses níveis, organizados em graus de abstração, têm sua materialidade no construto, realização empiricamente atestada no uso linguístico.

Verifica-se gradiência nas propriedades da construção: esquematicidade, produtividade, composicionalidade e analisabilidade. No que tange à esquematicidade, o subesquema [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂] é mais especificado do que o esquema [SN₁ + V + SN₂], visto que individualiza o tipo de verbo que pode ser sancionado. Por sua vez, as microconstruções com cada tipo de verbo leve [SN₁ + V_{DAR} + SN₂], [SN₁ + V_{FAZER} + SN₂], [SN₁ + V_{TER} + SN₂] e [SN₁ + V_{TOMAR} + SN₂] são as menos esquemáticas.

A categoria verbo também se organiza num *cline* de gradiência, assim representado: $V_{\text{PLENO}} > V_{\text{LEVE}} > V_{\text{AUXILIAR}}$. A posição medial ocupada pelos verbos leves nesse *cline* categorial se justifica porque, ao contrário dos verbos auxiliares, eles ainda mantêm alguma ligação semântica com os verbos plenos de que provêm, apesar do significado desbotado, e, em alguns casos, podem conservar o padrão argumental de tal verbo.

Há gradiência na estruturação do *chunk*, no sentido de que o SN pode posicionar-se mais próximo ou mais afastado do verbo leve. Logo, temos ocorrências simbolizadas como $[V_{\text{LEVE}} + \text{SN}_{\text{NU}}]$, com SN no singular: *dar pena, fazer pesquisa, ter coragem e tomar conta*, e com SN no plural usado em sentido genérico, não referencial: *dar descontos, fazer avanços, ter ciúmes e tomar cuidados*; com SN precedido de artigo definido: *dar as costas, fazer a fama, ter o apoio e tomar a frente*; e, finalmente, com SN antecedido de modificador: *dar grande repercussão, fazer novos investimentos, ter um profundo respeito e tomar eventuais medidas*.

Outra demonstração de gradiência pode ser vista no *frame* dos verbos leves *dar* e *fazer*, que podem ser ocorrer numa configuração biargumental ou triargumental, em termos de *slots*, embora se afastem de seu significado original.

Por fim, há que se levar em conta o fato de que diferentes itens verbais podem ocupar a posição do V_{LEVE} na construção $[\text{SN}_1 + V_{\text{LEVE}} + \text{SN}_2]$. Aqui, limitei-me a *dar, fazer, ter* e *tomar*, mas outros poderiam preencher tal posição, a exemplo de *tirar* (*tirar leite de pedra, tirar a barriga da miséria*), *bater* (*bater as botas, bater papo*) e *pôr* (*pôr a cabeça no lugar, pôr a mão na massa*), o que comprova a produtividade da construção e também a variação/gradiência entre *chunks* mais e menos frequentes e mais e menos cristalizados/convencionalizados.

Pelo que foi apresentado, confirma-se a relevância da noção de gradiência aplicada à análise de dados linguísticos autênticos.

5. Considerações finais

Este artigo tratou da construção com o verbos leves *dar, fazer, ter* e *tomar* e sua relação com os processos cognitivos de *chunking* e categorização. Nessa direção, constatei que os *chunks* formados por esses verbos e o SN que os acompanham emergem motivados por necessidades cognitivas e interacionais dos falantes. Devido ao uso recorrente em situações comunicativas reais, que leva à automatização e ao armazenamento na memória, esses blocos se fixam e passam a fazer parte do repertório linguístico dos usuários da língua. A combinação de um V_{LEVE} e um SN forma um predicado complexo que é parcialmente idiomático, uma vez que o significado do todo não é derivável do significado das partes. Verbos como *dar, fazer, ter* e *tomar* são frequentes na construção $[\text{SN}_1 + V_{\text{LEVE}} + \text{SN}_2]$ não apenas porque eles são

frequentes na língua, mas também porque eles são semanticamente gerais e podem ser seguidos por um número significativo de lexemas. Contudo, apesar de os verbos leves terem seu significado desbotado em comparação com o sentido que têm quando são usados como verbos plenos, sua contribuição semântica para a interpretação integral do *chunk* muitas vezes se mantém.

Embora a proximidade entre o verbo leve e o SN favoreça a cristalização do *chunk*, ela não é decisiva. Assim, há gradiência no nível de integração entre esses dois elementos, de modo que alguns *chunks* não representam sequências estáveis de palavras. A gradiência foi também constatada em diversos outros aspectos relativos ao uso de um verbo leve seguido de SN. Para tanto, a análise do bloco [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂] levou em conta aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos, como a impossibilidade, em muitos casos, de intercâmbio do bloco por um verbo simples correspondente ou a própria existência de tal verbo.

A gradiência está ligada à frequência de uso que fixa os *chunks* e, ao mesmo tempo, causa o desgaste das formas, fonética e morfossintaticamente, ao lado do esvaziamento de significado do verbo. Pelos processos de analogia e neoanálise outras formas surgem e podem persistir junto à mais antigas (Hopper, 1991). Essa variação, essa gradiência dá origem ao processo de mudança linguística.

A investigação da língua em uso normalmente apresenta dados ambíguos, fronteiros e complexos. Essa é a realidade natural das línguas humanas. A análise aqui empreendida representa uma possibilidade de interpretação da construção [SN₁ + V_{LEVE} + SN₂] de acordo com o modelo teórico em que se fundamenta.

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BASILIO, Margarida Maria. Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com DAR e FAZER. In: *Anais do Congresso de Letras da UERJ*. Rio de Janeiro: Botelho Editora, p. 1-19, 2007.
- BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Monclar Guimarães. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Revista Odisseia*, Natal, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID28489>.
- BRINTON, Laurel; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: The role of frequency. In: BRIAN, Joseph; JANDA, Richard. (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CASTILHO, Ataliba T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAFE, Wallace. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*. Volume especial, p. 83-101, 2016.
- DU BOIS, J. Competing motivations. In: HAIMAN, John. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-366.
- ERMAN, Britt; WARREN, Beatrice. The idiom principle and the open choice principle. *Text-Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 20, n. 1, p. 29-62, 2000.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. 1. ed. Natal: EDUFRN, 1998.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, p. 555-584, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. *Gragoatá*, v. 25, p. 785-808, 2020.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Variação e mudança dos usos dos verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*: uma abordagem funcional-construcionista. *Working Papers em Linguística*, v. 25, p. 55-77, 2024.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teóricos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, vol. 15, n.1/2, p. 49-74, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. *Linguística*, v. 14, p. 48-64, 2018.

- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CHAVES, Aline dos Santos Silva. A construção SN+V+SN_{NU} e o processo cognitivo de *chunking*. *Odisseia*, v. 4, p. 62-88, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico- metodológica e aplicação prática. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho: Edufro, 2023. p. 7-14.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, v. especial, p. 55-67, 2016.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. II. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Björn (eds.). *What makes grammaticalization?: a look from its fringes and its components*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.
- HOPPER, Paul. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-36.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things – What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.
- SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- TAYLOR, John. *Linguistic categorization*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they interact? In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE,

Graeme. (eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 19-44.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Recebido em 01 de junho de 2025
Aprovado em 10 de julho de 2025